



| FORA DA CAIXA • SAMY DANA

# PARADOS E ESTRESSADOS: O CUSTO (MENTAL E FINANCEIRO) DOS ENGARRAFAMENTOS

Ninguém, pelo menos em sã consciência, gosta de engarrafamentos. No entanto, eles são um fenômeno do nosso tempo.

Segundo uma pesquisa realizada pelo IBOPE em 2016, em um ano, os paulistanos chegam a passar o equivalente a 45 dias no trânsito, quase três horas diárias, em média. Em Belo Horizonte, são 202 horas anuais. No Rio, 165.

Claro, há o custo financeiro. O Brasil perde R\$ 111 bilhões com engarrafamentos, nos cálculos da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan). Isso inclui o quanto os colaboradores deixam de produzir no trabalho, já que chegam cansados e estressados, e para si próprios, abrindo mão de gerar mais renda e realizar cursos de qualificação em função do tempo de deslocamento.

Nos Estados Unidos, o gasto com combustível e os produtos e serviços que deixam de ser gerados porque os trabalhadores estão presos no trânsito chegam a US\$ 100 bilhões só na região de Nova York e a US\$ 121 bilhões em Los Angeles.

Não é à toa que mobilidade se tornou um tema tão discutido. O prejuízo é alto, mas alguns estudos recentes se propuseram a calcular algo mais intangível: qual é o custo psicológico dos engarrafamentos para a economia?

Um trabalho de Daniel Kahneman, ganhador do Nobel de Economia, e alguns colegas, publicado na revista *Science* em 2004, lista os engarrafamentos como uma das atividades mais desagradáveis da nossa rotina. É mais provável que a pessoa se sinta deprimida e tenha a sensação de desespero dentro do carro, parada, do que fora dele.

Ainda, outro estudo, dos economistas Louis-Philippe Beland e Daniel Brent, aponta que ficar preso no trânsito tem um efeito mais grave: o aumento da violência doméstica.

Para chegar a essa conclusão, eles cruzaram as ocorrências policiais com os dados de controle de

tráfego entre 2011 e 2015. Por exemplo, em uma região com muitos registros, o trânsito fluíu bem ou foi mais lento naquele dia? Como eram as condições climáticas? Com os endereços das ocorrências e os dados do departamento de trânsito, os economistas analisaram quanto tempo os envolvidos possivelmente levaram para voltar do trabalho para casa. Resultado: com o trânsito mais intenso no fim de tarde, a violência doméstica aumentava até 9% nas 12 horas seguintes. Se o engarrafamento envolvia acidente, esse número subia para 15%. No entanto, a correlação entre trânsito e violência ocorria apenas durante o anoitecer. Nos outros horários, mesmo que o tráfego estivesse lento, as ocorrências eram baixas.

Beland e Brent também calcularam o prejuízo decorrente dessas explosões de violência: até US\$ 22 milhões por ano. Esse valor pode parecer pequeno perto das perdas totais causadas pelos engarrafamentos nas cidades, mas é significativo para as famílias envolvidas. Em muitos casos, além de bens destruídos, há indenizações e perda de acesso a programas sociais.

Como o próprio estudo sugere, é possível imaginar que muitos incidentes violentos não aconteceriam se o trânsito fluísse normalmente e que, mesmo sem se tornarem violentos, muitos motoristas são afetados pelo estresse dos engarrafamentos. Como resolver?

Cidades como Los Angeles aumentaram o valor do pedágio para quem usa o carro sozinho, estimulando as caronas. Além disso, constroem mais ciclovias e incentivam as empresas a adotar mais radicalmente o *home office*, para que as pessoas não precisem se deslocar.

Em meio a diferentes ideias, a grande aposta são os carros automáticos, sem motorista. Os primeiros estudos demonstram que tais veículos não garantem o fim dos engarrafamentos, mas evitam a luta por espaço. Assim, todos chegam menos estressados e, conseqüentemente, menos violentos em casa.

ESTUDO MOSTRA QUE,  
COM O TRÂNSITO MAIS  
INTENSO NO FIM DE  
TARDE, A VIOLÊNCIA  
DOMÉSTICA AUMENTA.